

JORNAL DE GARVÃO

Nº 21 Agosto de 2015

1,00 Euro

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

CERCA do ADRO

Pag. 4

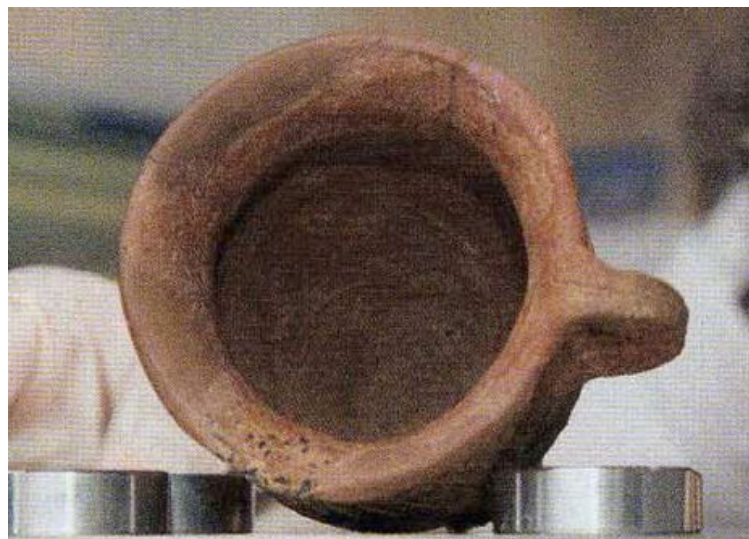


VACAS

GARVONESAS

JÁ NÃO CORREM
RISCO DE EXTINÇÃO

Pag. 6/7



CERÂMICAS DE GARVÃO

Pag. 5

CARNE DE PORCO À ALENTEJANA

Pag. 11

MEDALHA DA PAIXÃO DE CRISTO

Descoberta Em Garvão

Pag. 9



O PASSADO NÃO PODE COLIDIR COM O FUTURO

O Peso da Tradição e as Forças Atávicas

São muitos e complexos os problemas com que se debatem as comunidades do interior alentejano de pouco ou nenhuma representabilidade junto dos poderes locais, regionais ou por assim dizer de quaisquer outros poderes de decisão, sejam eles políticos, públicos ou privados, executivos, legislativos, (judiciais?) e muito menos, obviamente, orçamentais.

Numa época em que se observam profundas alterações socio-económicas e institucionais, em que, por vezes, a tradição se sobrepõe, sobre as mudanças socio-culturais e económicas que se operam no plano nacional, há de se reconhecer que não apenas as culturas e as tradições são extremamente diversas, mas que tal diversidade é perfeitamente legítima e conciliável. Nesta sociedade em evolução, quando o peso da tradição e o sentido da modernidade colidem, geram-se frequentes antagonismos, contradições e hesita-se no rumo a tomar. O desenvolvimento das regiões não pode ser instalado sem o diálogo e o compromisso entre a herança cultural e o pragmatismo económico, mesmo se, à primeira vista, as duas não possam ser inteiramente reconciliáveis.

Nesta sociedade em franco desenvolvimento, que rompe com uma tradição em que as forças atávicas contrariam essa dinâmica, surgem naturalmente acentuadas incompatibilidades que geram focos de conflito dificilmente ultrapassáveis. São os choques de poderes ao nível local. Há que se refletir, pelo menos, quanto à importância atribuída à tradição, às suas estruturas, às hierarquias, aos usos, costumes e aos rituais diários das populações, assim como, efectivamente, às aspirações e expectativas sobre as possibilidades de melhoria das condições de vida e processo de crescimento económico e desenvolvimento a longo prazo, quer nas suas conquistas materiais, quer no seu desenvolvimento político-institucional. Contudo, de notar que, o crescimento em termos quantitativos não significa necessariamente desenvolvimento, ou, pelo menos, desenvolvimento em termos qualitativos.

Porém o pensamento moderno, materialista, ameaça reduzir o ser humano a uma racionalidade, não raras vezes, meramente instrumental, e, mais do que isso, não oferece soluções para o problema de valores, decorrentes da colisão entre a tradição e a modernidade, enquanto ataca os particularismos regionais e locais do ponto de vista das crenças particulares, tradições e, inclusivamente das próprias comunidades que ameaçam bloquear e impedir qualquer mudança, (procurando compensações para o presente num passado lendário/glorioso).

Assim, conciliar as visões de um desenvolvimento económico e cultural, como actualmente se observa, denuncia evidentes contradições e sobretudo algumas indefinições resultantes dum discurso entre o passado, o presente e o futuro, no momento em que as regiões mais industrializadas procuram recuperar e restaurar alguns aspectos da herança cultural e da tradição que desprezaram, ao mesmo tempo que as regiões em busca de desenvolvimento económico, aceitam alguns aspectos da modernidade que costumavam rejeitar.

GARVONESAS

Está afastada a ameaça de extinção das vacas garvonesas, depois de no virar do século, em 2000, esta raça autóctone alentejana ter corrido sérios riscos de desaparecer.

Tudo devido ao trabalho árduo de alguns produtores em parceria com a Associação de Agricultores do Campo Branco (AACB), que tem permitido a recuperação de uma raça que deve o seu nome à tradicional Feira de Garvão, no concelho de Ourique.

“Pode dizer-se que a AACB evitou a extinção desta raça”, reconhece ao “CA” Ana Lampreia, técnica da associação sediada em Castro Verde que trabalha directamente com os oito produtores de bovinos garvoneses.

Todos eles se encontram no Alentejo e em pontos tão distintos na região como Almodôvar, Ourique, Barrancos, Vila Nova de São Bento ou Alcáçovas. No total, existem de momento 540 animais reprodutores (com mais de dois anos) e cerca de 350 jovens (menos de dois anos).

Um quadro bem mais animador que aquele que se verificava em 2000, altura em que a AACB se uniu à Parque Natural do Sudoeste Alentejano e da Costa Vicentina num projecto de preservação e reabilitação da raça. “Hoje em dia já há bastantes mais animais. Antes havia um criador com uma vacada e depois havia uma vaquinha ali, outra aqui... Eram muito poucas e estavam todas espalhadas”, lembra Ana Lampreia.

Desde então, continua a técnica, tem sido imenso o trabalho da AACB, que passa por “identificar os jovens [bovinos] e depois, mais tarde, classificar os adultos” de acordo com as características da raça, que se assemelha muito à raça alentejana e que, geneticamente, se aproxima da raça limousine.

“Todos os nascimentos de bovinos garvoneses passam pela AACB, pois temos de validar a raça. E depois vimos fazer a recolha do sangue para o estudo do ADN e a identificação electrónica nos adultos – fazemos a classificação dos animais e introduzimos o chip. Todos os anos visito, pelo menos, uma vez as explorações ou sempre que se justifique”, explica Ana Lampreia.

À margem deste trabalho de identificação e registo, a associação participa igualmente em feiras do sector para promover a raça e faz a sua caracterização genética através de amostras de ADN. “E neste momento, por imposição também temos de fazer o controlo da paternidade dos animais”, acrescenta a técnica da AACB.

IN: Correio Alentejo, 11/02/2014.

(Artigo do National Geographic nas páginas centrais)

JORNAL DE GARVÃO

<http://garvao.blogs.sapo.pt/>

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro.

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa, 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro



ESCAVAÇÕES NO MONTE DA CHAMINÉ

Ferreira do Alentejo

“Villa Romana” poderá ser superior à de Pisões no concelho de Beja
Os trabalhos arqueológicos na villa romana do Monte da Chaminé, em Ferreira do Alentejo, recomeçaram com o objectivo dos arqueólogos continuarem a escavar a casa principal do sítio e a zona agrícola anexa.

Dando continuação à décima campanha arqueológica na villa, que foi ocupada entre os inícios do século I até ao século V d.C. e descoberta em 1981 a cerca de três quilómetros de Ferreira do Alentejo.

No terreno, além da historiadora Sara Ramos e dos arqueólogos Clementino Amaro e Maria João Pina, os responsáveis científicos, estão estagiários e recém-licenciados em arqueologia de várias universidades portuguesas.

A equipa, dividida em dois grupos, vai continuar a escavar o centro da casa principal da zona residencial – o peristilo – e a área que os arqueólogos pensam ser a zona agrícola da villa, explicou Maria João Pina.

As escavações de um grupo “vão incidir no peristilo, que é bastante grande e cuja dimensão total, cerca de 22 metros quadrados, foi definida no ano passado”, e as do outro “vão concentrar-se na zona agrícola”, onde foram descobertas duas estruturas, precisou a arqueóloga.

Uma das estruturas poderia ser um celeiro e a outra um lagar de azeite, “mas ainda há muitas incógnitas”, disse.

As primeiras seis campanhas de escavações na villa romana do Monte da Chaminé decorreram entre 1981 e 1988, quando os trabalhos foram suspensos devido a “indisponibilidade” de Clementino Amaro, que descobriu o sítio juntamente com o arqueólogo Manuel Barreto.

Durante aquele período foram descobertas e escavadas várias estruturas que fazem parte da casa principal da villa, ou seja, “uma parte do peristilo e três divisões circundantes: uma que talvez será uma zona de jantar e as outras duas poderão ser quartos”, lembrou a arqueóloga.

Anexo à casa, na zona agrícola da villa, continuou, foram descobertas e parcialmente escavadas as duas estruturas, que poderão ser um celeiro e um lagar de azeite.

Após 20 anos parados, os trabalhos arqueológicos na villa foram retomados em Agosto de 2008 e, desde então, “tem sido possível pôr a descoberto toda a parte restante do peristilo e da zona agrícola”.

“Estão a surgir muitas surpresas”, como os fragmentos relacionados com um peregrino de Santiago de Compostela, descobertos há cerca de dois anos, numa camada posterior à do período romano, salientou Maria João Pina.

Os vestígios encontrados até agora, entre estruturas e o “vasto e rico” espólio exumado, que pode ser apreciado no Museu Municipal de Ferreira do Alentejo, apontam para uma villa “muito importante” e que teve “vários contactos com diferentes zonas do império romano”.

“É uma villa romana rica, interessante e não sei se não será superior à de Pisões”, situada perto de Beja, classificada de Interesse Público e um dos atractivos turísticos daquele concelho, frisou.

“Do ponto de vista museológico, histórico e até turístico, a villa é muito importante para o concelho de Ferreira do Alentejo e a intenção da Câmara e dos investigadores envolvidos é avançar com a investigação do sítio, que ainda requer vários anos de trabalho”.



Café Central



Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas

Telef. 286 555 113

Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO



CERCA do ADRO

Presentemente, poucas pessoas reconhecem o local onde em 1990, quando se procedia ao alargamento do adro da Igreja Matriz, se pôs a descoberto os vestígios arqueológicos, que presentemente se observam, como Cerca do Adro e, ainda menos, são as pessoas que realmente sabem o que são, de facto, aqueles vestígios arqueológicos postos a descoberto, denotando claramente uma falta de ligação entre os eleitos locais e as estruturas centrais que promovem e financiam estes trabalhos de investigação arqueológica e a população.

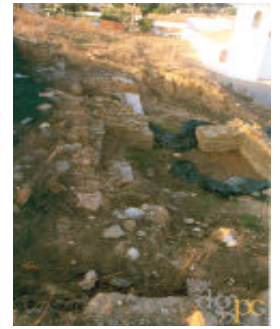


Arqueólogo Caetano de Mello Beirão, Director do Centro de Arqueologia do Sul, observando as escavações realizadas em 1990

Neste local detectaram-se, para além de uma necrópole medieval, algumas estruturas que foram objecto de uma intervenção de emergência realizada por arqueólogos do então Igespar, que veio comprovar a ocupação do Cerro da Vila desde, pelo menos, a Idade do Ferro. Trabalhos esses continuados aí posteriormente pela Associação cultural e Defesa do Património de Garvão em 1995 e 1996, permitiram apurar a existência de ocupação de época romana, do período islâmico almóada (um

contexto de cozinha) e dos finais da Idade Média, princípios da Idade Moderna (estruturas desmontadas).

Trata-se de um cabeço sobranceiro à Igreja de Garvão. Foram identificados vestígios de diferentes épocas, a que correspondem três momentos de ocupação. Um primeiro momento Baixo Medievo a que lhe correspondem estruturas nomeadamente de defesa, um período Islâmico onde foi detectado um nível Almóada, mais precisamente um contexto de cozinha (lareira), e um terceiro nível de ocupação de onde se exumaram materiais romanos e estruturas da idade do ferro (dois fornos e uma eventual muralha). Para este



m o m e n t o cronológico o sítio deve fazer parte integrante do povoado do Cerro Forte, perfazendo assim uma área de cercade 6 hectares.

Do espólio encontrado contam-se cerâmicas de ornatos brunidos, verniz vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica estampilhada pintada, anforas, sigillatas, d o l l i u m , campariense, jarrinhas, painéis, malgas islâmicas, vidradas, numismas, escória, espólio ósseo.

 <p>Cont. N.º 901 697 621</p> <p>MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.ºS</p> <p>ARMAZENISTA e DISTRIBUIDOR</p> <p>Telef. 286 555 120 – Telef. / Fax 286 512 848 E.N. 123 KM 47,8 OURIQUE</p>	<p>Café Beira Linha</p> <p>ALMOÇOS E JANTARES</p> <p>Telef. 286 555 199 ESTAÇÃO DE GARVÃO</p>
--	--

Café Futuro
Almoços e Jantares



Rua do Álamo

--- Internet Wireless ---

Associação Futuro de Garvão

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.

Construção e Remodelação

Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telems.: 96 648 50 19 - 98 232 15 49 Fax: 21 980 40 08
E-mail: baptistapereira2001@sapo.pt

<p>ANTÓNIO</p> <p>VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA Radios e Televisões Telef. 286 555 111</p> <p style="text-align: right;">GARVÃO</p>	<p>ALUMIGARVÃO Carlos Silva & Silva, Lda.</p> <p>Tlm. 934 059 158 Caixilharia de Alumínio e Madeira Montagem de Estores Portões Basculantes e de Fole Tectos Falsos • Decorações e Residências Grátis</p> <p>Tel./Fax 286 555 164 – Rua Nova 25-B – GARVÃO</p>
---	---



CERÂMICAS DE GARVÃO

Programa HERCULES da Universidade de Évora

IN: National Geographic, Agosto de 2010

A edição de Agosto da National Geographic Portugal conta com uma reportagem dedicada aos projectos do Centro HERCULES (Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda) da Universidade de Évora. O trabalho multidisciplinar do mais recente centro de investigação da universidade e dos seus investigadores foi o mote para a peça “Arte antiga, ciência nova”, que destaca a utilização da tecnologia de ponta na investigação e intervenção no património.

São oito páginas dedicadas ao trabalho de análise, por uma câmara de reflectografia de infravermelhos, dos Painéis de São Vicente, presentes no Museu de Arte Antiga, aos trabalhos de recolha de amostras de algumas das antigas pinturas murais do Mosteiro da Batalha, à investigação que está a ser desenvolvida nas pinturas murais de uma ermida no Alto Alentejo e ao projecto de estudo de fragmentos da Idade do Ferro, recolhidos num dos mais importantes sítios arqueológicos deste período, em Garvão, concelho de Ourique.

"A iniciativa parte do Centro HERCULES, acrónimo para Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda, uma estrutura da

Universidade de Évora, parceira do instituto dos Museus e da Conservação, que procura juntar tecnologia de ponta e uma equipa multidisciplinar para investigar e intervir no património, muitas vezes *in situ*, reescrevendo metodologias e apreendendo resultados surpreendentes.

Constituído por uma equipa de dez especialistas e quatro alunos de doutoramento, o HERCULES está dotado de equipamento científico de topo, que inclui um microscópio electrónico de pressão variável com uma capacidade de ampliação de 300 mil vezes, permitindo a análise de constituição química e elementar de objectos de grandes dimensões. O centro disponibiliza a historiadores e arqueólogos dispositivos pouco comuns nas instituições nacionais. Sinal da dinâmica que o anima, poucos meses após o arranque das actividades, tornado possível pelo apoio financeiro do mecanismo EEA Grants, são mais de uma dezena os projectos em curso, cujo orçamento ultrapassa já 1,5 milhões de euros.

No laboratório, de *jeans* e botas de montanha, contrariando a ideia feita do cientista descabelado, o geólogo

José Mirão, um dos responsáveis do HERCULES, assoma à porta com um estranho objecto nas mãos: é um fragmento de cerâmica da Idade do Ferro recolhido em Garvão, no concelho de Ourique, num dos mais importantes sítios arqueológicos deste período conhecidos na península Ibérica. “Têm sido descobertos neste local pratos com uma forma específica de construção de base, que utiliza um tipo de barro diferente, menos gordo”, explica. “Analisaremos esta amostra para identificar a composição de argilas e a relação que possa existir com os demais achados. Talvez nos permita identificar a origem desta particularidade e nos dê outra perspectiva sobre o mundo naquela época e a relação da região com o resto da península e do Mediterrâneo.

“Através da análise química, é possível destrinçar o processo de fabrico e a origem das matérias-primas. Esteticamente, identificaram-se já as influências estilísticas, nomeadamente celtas, mas também cartaginesas e fenícias. Mas falta a prova dos nove – a química.

A descoberta deste sítio arqueológico em Garvão remonta à década de 1980. Obras de saneamento básico no local revelaram então

múltiplos objectos de olaria. Os trabalhos foram suspensos e um arqueólogo foi chamado, identificando o local como um depósito votivo. Seria um depósito onde se arrumariam as oferendas a um templo que até hoje permanece desconhecido, provavelmente nas imediações. Aliás, quem visista o local encontra apenas um barracão que protege o sítio da escavação.

Para além do contributo para estudar os artefactos, o HERCULES tem outro desafio pela frente: identificar a necrópole perdida. Em breve, será utilizado um georradar, equipamento raro em Portugal que, sem necessidade de escavações prévias, sondará o solo em busca de edificações soterradas. Para já, porém, o trabalho de seriação do espólio setá em curso, realizado no Centro Arqueológico Caetano de Mello Beirão, que funciona na fria cave do cineteatro de Ourique. Esse esforço tem sido orientado por Françoise Mayet, investigadora francesa que, aos 75 anos, vem nos tempos livres a Portugal, no seu próprio carro, tal a relevância e paixão por este património. O trabalho arqueológico, definitivamente, deixou de estar restrito ao campo."



A análise, a um artefacto recolhido no depósito votivo de Garvão, permite conhecer a origem da matéria-prima e extrapolar algumas conclusões sobre as relações comerciais do povoado com outras regiões.



VACAS GARVONESA

RISCO DE I

À excepção do relevo da zona de Santana da Serra, concelho de Ourique, o cenário que se avista poderia ser descrito por um fotógrafo em missão na savana africana. O Sol vai quase no zénite e uma manada de uma centena de herbívoros pasta calmamente. Algumas fêmeas chamam as crias que, apesar da ausência de predadores, deixaram escondidas entre a vegetação enquanto se alimentam, fruto do seu instinto primordial de presas. Dois machos medem forças, entrelaçando os chifres e um acaba por reforçar o domínio sobre o harém. Vários juvenis lutam, imitando os adultos numa brincadeira que os preparará para duelos futuros. Se começássemos por lhe dizer que este património biológico está ameaçado e que está em curso um projecto para a sua conservação, seguramente pensaria numa espécie selvagem em perigo. Na verdade, é à vida selvagem que associamos a ideia de conservação da natureza, mas o alvo do programa, desta vez, são vacas. Vacas, touros e crias da raça bovina garvonesa.

Apesar de ser uma das menos conhecidas raças bovinas portuguesas, no passado, a raça garvonesa ocupava os campos de praticamente toda a região central e litoral do Baixo Alentejo, onde era usada para tracção de alfaias e carros de bois. Com a mecanização da agricultura, sobretudo na segunda metade do século XX, “o gado farrusco” perdeu o seu propósito principal e foi sendo substituído por raças exóticas importadas, sobretudo de França, que serviam melhor o propósito da produção de carne. Em 1994, o bovino garvonês estava perto da extinção.

Foi então que o Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV) levou a cabo o Projecto de Recuperação e Manutenção do Bovino Garvonês. “Foi essencialmente uma manobra de resgate e agrupamento do maior número possível de animais, que se encontravam dispersos em pequenos núcleos, por forma a garantir a sobrevivência da raça”, comenta José Pereira, da Associação de Agricultores do Campo Branco (AACB), entidade detentora do registo zootécnico da raça. “Fez-se depois a caracterização morfológica e o registo como raça autóctone e tem sido essencial o envolvimento dos criadores que, muitas vezes contrariando tendências económicas mais imediatas, têm abraçado a criação da garvonesa.” O projecto contribuiu para o aumento do efectivo de cerca de oitenta animais para os quatrocentos actuais.

A conservação de animais domésticos autóctones representa um esforço valioso. Estes estão quase sempre bem adaptados ao clima onde se desenvolveram, possibilitando a criação em regime extensivo e a manutenção de um ecossistema diversificado. Bem geridos, estes efectivos podem representar um factor económico cativante numa fase de grande procura de produtos “de origem protegida” e “biológicos”. Ao mesmo tempo, preservam um património insubstituível, que encerra em si partes da história e evolução cultural de uma região, adaptando-o às novas realidades.

Na Herdade da Mata, uma exploração agrícola em Alcáçovas, existe hoje uma das maiores manadas da raça garvonesa. Os proprietários suíços integram os animais nos passeios pedagógicos de agroturismo que disponibilizam aos visitantes. Mas a equipa do Centro de Experimentação do Baixo Alentejo e AACB que aqui encontro, volvidos 18 anos sobre o projecto do PNSACV, tem um propósito diferente. Recolhe amostras de sangue e pêlo de alguns dos 120 animais que aqui existem.

O objectivo da recolha, no âmbito de um segundo projecto de conservação, agora em curso, é a extracção de DNA para caracterização genética e demográfica da raça, numa tentativa de viabilizar condições para a existência de animais saudáveis a longo prazo. A população encontra-se estável, dispersa por oito explorações pelo Alentejo mas “a raça está (classificada como Ameaçada de Extinção e os riscos de aumento da consanguinidade são elevados, já que todos os animais procedem do único criador que restava na década de 1980”, diz Carlos Bettencourt, médico veterinário e secretário-técnico da raça garvonesa.

Cerca de uma década antes do projecto do PNSACV, uma figura local do concelho de Ourique, o médico António Semedo, reparou no iminente desaparecimento desta raça e deu o primeiro passo para contrariar a tendência comprando as vacas que encontrava. Havia um problema: António Semedo já não tinha, nem conhecia ninguém, com um macho reprodutor.



Salão Mila
Emília M.ª Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telem. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIRAS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS

RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LUBRIFICANTES
SHELL



AS JÁ NÃO CORREM EXTINÇÃO

Foi quase por acaso que numa feira encontrou um touro e o comprou. É provavelmente graças a este gesto que ainda dispomos da raça. “Após a análise genética, proceder-se-á ao cruzamento de machos e fêmeas o menos aparentados possível, tentando preservar a diversidade genética dentro da raça”, diz Carlos Bettencourt. Se os esforços forem bem sucedidos, o panorama de sobrevivência da raça garvonesa será promissor. Embora útil e desejável, o cruzamento de animais pouco aparentados pode não ser suficiente, exigindo alguma intervenção humana para diversificar o caldo genético. “A



salvação da raça poderá requerer a introdução de sangue exterior, por exemplo de animais da raça alentejana não inscritos no Livro Genealógico da mesma e que sejam morfologicamente semelhantes aos garvoneses, assegurando a sua viabilidade ao mesmo tempo que se conservam as características da garvonesa”, realça Catarina Ginja, do Centro de Biologia Ambiental da Universidade de Lisboa.

A presença e o culto de bovinos na região alentejana é ancestral, mas a presença de gado bovino do tronco aquitânico, no qual a raça garvonesa se insere, só se consegue traçar com certezas desde o século XV. É, porém, provável que, embora sem a

relevância da classificação como raça, já nesse tempo, os animais nesta região do Alentejo fossem semelhantes aos que hoje chamamos garvoneses. “É uma raça muito distinta, com características genéticas e morfológicas únicas, sem paralelo nas raças espanholas, como temos noutros casos de raças portuguesas”, diz Catarina Ginja. Segundo um estudo genético desta especialista, a garvonesa está bem diferenciada da raça alentejana, o que reforça o carácter histórico, social e cultural que estes animais terão tido ao longo de séculos, no Baixo Alentejo.

Em São Martinho das Amoreiras, no concelho de Odemira, Manuel Domingos cria a raça garvonesa “à antiga”. A manada é pequena: seis vacas e um touro, mais um punhado de bezeros. Duas vacas “são mansas” e aptas para lavrar a terra. Aqui, onde as ideias de conservação, perfil genético e consanguinidade são palavrões modernos, ouvidos apenas nas visitas que técnicos da AACB fazem para certificar os bezeros, Manuel Domingos recorda que “no outro tempo, o gado dava de tudo um pouco. Os animais eram valentes para puxar charruas e carretas, o estrume aproveitava-se, iam às arramadas e controlava-se melhor o que comiam, havia menos desperdício, está a ver? Até dos chifres, depois de mortos, se faziam bilhas para o azeite”.

De facto, poucas relações com animais terão tido tanta relevância na história da humanidade como a que levou, há cerca de oito mil anos, à domesticação do gado bovino. Esta domesticação foi agilizada com o propósito de obter alimento e depois para a função de trabalho. No processo, enriqueceu sobremaneira a vivência humana. Manuel Domingos olha uma das suas vacas e diz, com um riso melancólico: “Hoje, aproveitam-lhes a carniinha e pouco mais.”

Passou o tempo em que as razões para estes animais existirem eram palpáveis e pragmáticas. Dependem hoje de encontrarmos formas de valorização. Se não for suficiente o valor afectivo pelo legado que representam, relembremos o seu valor ambiental e económico, se explorados produtos de nicho. Longe das savanas ou florestas tropicais que o nosso imaginário rapidamente invoca ao pensarmos em conservação da natureza, esta e outras raças e espécies domésticas carecem de atenção. O futuro, para já, apresenta-se moderadamente risonho para a vaca garvonesa.

IN: National Geographic, Junho 2013

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de: Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de: José Guerreiro Manuel
Contactos: 286 555 133
Telefone 286 555 133
Telemóvel 935 080 101
Largo da Estação n.24 7670-129 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim Rosário Guerreiro
Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



ABEL VIANA

Faleceu há 50 anos

Volvidos 50 anos sobre o falecimento do Arqueólogo Abel Viana (1896-1964), pretende este jornal homenagear esta figura marcante e incontornável da Arqueologia Portuguesa e evocar a sua generosa herança e o seu contributo em termos de produção científica e bibliográfica. Os seus trabalhos extrapolaram em muitos os limites geográficos do seu Minho natal, nos quais se destacam as investigações realizadas na região do Algarve e Alentejo, o exemplo do empenho laborioso no estudo, salvaguarda e divulgação do património local/regional, garantindo assim às gerações vindouras o acesso a testemunhos imprescindíveis para o conhecimento da ocupação humana no nosso país.

No Alentejo produziu grande parte das suas investigações históricas e arqueológicas, principalmente na região de Beja, embora nunca tenha perdido o contacto com o Algarve e o seu Minho natal. Referente a Garvão dá a conhecer pela primeira vez os monumentos megalíticos que se encontram em torno da vila nas publicações *“Monumentos megalíticos dos arredores do concelho de Ourique”* editadas pelos anos cinquenta do século passado.

Os materiais arqueológicos que encontrou foram entregues a museus públicos como o Museu dos Serviços Geológicos em Lisboa, os museus de Elvas, Faro, Lagos, o Museu de Viana do Castelo, o Museu – Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança e o Museu Regional de Beja, cumprindo a promessa de preservação, salvaguarda e divulgação da nossa herança histórica e cultural.

O último grande trabalho a que se dedicou foram as escavações arqueológicas do castro de Nossa Senhora da Cola, no concelho de Ourique. Sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, começou os trabalhos em 1958 baseado nas primeiras referências de André de Resende, D. Frei Manuel do Cenáculo e Leite de Vasconcelos. Colocou a muralha a descoberto, restaurou-a, procedeu à escavação do local e inventariou os materiais aí encontrados. Estudou todo o conjunto

da Cola (castelo, fortificações secundárias e respetivas necrópoles) descobrindo o que restou de um monumento megalítico no Barranco da Nora Velha e uma necrópole da Idade do Bronze na Herdade da Atalaia. Neste conjunto encontrou materiais arqueológicos das sucessivas ocupações: neolítico, romano, visigótico e islâmico. Alguns destes importantes achados deram entrada no Museu Regional de Beja.

Depois de seis longos anos de trabalho na Cola, fez a última visita ao local em janeiro de 1964, integrado numa visita com o ministro das Obras Públicas. Todo o esforço e empenho que colocou na descoberta, estudo e divulgação das ruínas tinham valido a pena, assim o expressa numa carta enviada a um amigo e discípulo:

“Foi grande o dia para Ourique, uma verdadeira data histórica. E para a Senhora da Cola Idem. No ‘Diário do Alentejo’ terás visto aquele passo do ministro no qual assinalou a contribuição importante que para o património arqueológico do País representa o castro da Cola que há muito desejava visitar e

cuja defesa e valorização eram apoiados com fundamentado interesse pelo Ministério das Obras Públicas. Vê lá tu! E eu com tantas atrapalhações, porque o dinheiro tem sido pouco e pago tão tarde que tenho andado sempre com milhares de escudos adiantados do meu bolso e a incerteza de que mos paguem! Isto é assim mesmo meu velho: temos que nos arriscar e sacrificar muito, até que nos vejam e nos façam justiça. Agora parece que a coisa carrila devidamente. Antes que arrefeça, vou-me desunhar em relatórios, exposições, sugestões, petições, (...).”

Não chegou a concretizar este último sonho, faleceu na madrugada de 17 de fevereiro de 1964. Por sua expressa vontade foi sepultado em Beja, a sua amada Pax Julia. Tinha 68 anos.



Drogaria Carapinha
Dr: Rui Nuno Gonçalves Carapinha
REDES - TINTAS - RAÇÕES
CERENIS - FERRAMENTAS - ETC
Tel. 286 555 441
Tlm. 936 337 373
Rua Nova, 28 – GARVÃO

CAFÉ LINA
Carlos Sabino Lina
90247800
Chada Nova

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 – GARVÃO

LINDAMIRA DÓLORES DE BRITO CARVALHO
Tel. 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



MEDALHA DA PAIXÃO DE CRISTO

Descoberta Em Garvão

A medalha que aqui se apresenta foi descoberta pelo falecido **António Loução**, mais conhecido por "**Mudo**", em 2009, quando procedia ao amanho da horta situada na Rua Nova, desconhecendo-se se encontrava no local e foi desenterrada quando se procedia ao amanho da terra ou se foi trazida para este local junto a alguma carrada de estrume.

Trata-se de uma medalha de devoção, talvez proveniente da igreja de Santa Cruz de Jerusalém, em Roma, onde se venera uma relíquia da santa cruz de Jesus.

No anverso da medalha reconhece-se a Cruz de Cristo, rodeada dos instrumentos da paixão ou martírios do Senhor. Eram esses martírios que as crianças, vestidas de anjos, levavam nas procissões dos passos, na quaresma ou semana santa. Rodeando a cruz, vêm-se, do lado esquerdo, os flagelos, a torquês, o martelo. À direita, a espada, a vara com a esponja de vinagre na ponta.

Legenda: SAN[CTUS] DEUS SAN[CTUS] FOR[TIS] SAN[CTUS] IMORT[ALIS] MIS[ERERE] NOB[IS] ROMA = Santo Deus, Santo Forte, Santo Imortal, tende piedade de nós. Era este um chamado impropério ou antifona que se cantava na adoração da cruz, na sexta-feira santa. Cantava-se também em grego: Hagios o Theos, Hagios Ischiros, Agios Athanatos, eleison himas.

No reverso, em xis, a escada e a coluna, mais abaixo o galo (da negação de Pedro), a túnica de Cristo, os dados com que ela foi sorteada. Legenda: PAS[CHA] CRIS[TI] SAL[VA] NOS.

Estes símbolos da paixão de Cristo vêm-se em certos cruzeiros, principalmente no Centro e Norte do país, por exemplo, num que está no monte de Santo Amaro, em Maceira; outro em frente da capela de Nossa Senhora da Tojeirinha, no Alqueidão da Serra, Porto de Mós; outro em frente da capela de Nossa Senhora da Ortiga, perto de Fátima, etc. (...)

A grandiosa composição realizada por Michelangelo entre 1536 e 1541, concentra-se em torno da figura dominante do Cristo, representado no instante que precede à emissão do

veredito do Juízo (Mt 25,31-46). Seu gesto, imperioso e sereno, parece ao mesmo tempo chamar à atenção e aplacar a agitação circundante: isto dá o início a um amplo e lento movimento rotatório no que se vêem envoltas todas as figuras. Ficam fora deste as duas lunetas acima, com grupos de anjos que levam em vôo os símbolos da Paixão (à esquerda, a Cruz, os dados e a coroa de espinhos; à direita, a coluna da Flagelação, a escada e a lança com a esponja banhada em vinagre)



Símbolos da paixão de Cristo:

Escada: A escada foi um dos instrumentos usados na crucificação de Cristo. **Esponja:** Afixada numa haste que foi usada para oferecer vinagre a Jesus enquanto estava na cruz.

Chicote e Pilar: O chicote é mostrado junto de um pilar, no qual Jesus provavelmente foi amarrado.

Pregos: Os pregos foram instrumentos da crucificação de Jesus.

Coroa de espinhos: Simboliza o flagelo de Cristo.

Coração: Com chamas de fé.

Galo: Simboliza a omissão a Cristo quando São Pedro nega tê-lo conhecido.

Martelo: Utilizado para cravar os pregos nas mãos e pés de Cristo.

JNRJ ou INRI: Inscrição que significa Jesus Nazareno Rei dos Judeus.

Lança: Dos soldados romanos que transpassou o coração de Jesus.

Torquês: Utilizada para arrancar os pregos que prendiam as mãos e os pés de Cristo.

Canas: Que serviam como cetro quando Cristo foi torturado e intitulado rei dos judeus.

Corneta: Que servia como arauto anunciando a morte de um condenado.

Cálice: Onde foi recolhido o sangue de Cristo.

Ossos humanos: Diz a lenda que, quando Cristo agonizava na cruz, no Monte Calvário, houve uma grande tempestade. A erosão escavou na base do Monte alguns ossos que seriam de Adão.



SUL e SUESTE

LUÍZA. (III Parte)

Crónica de "LUÍZA", do livro "SUL e SUESTE Prosas de Além-Tejo" de Joaquim da Costa, Natural de Garvão, publicado através das oficinas da Gazeta do Sul no Montijo, em 1940

O namôro prosseguia...

Encontravam-se a ocultas da outra gente e, nesses instantes, diziam, em frases curtas em expressões ardentes da paixão que os trazia num tumulto, da sede de ternura de seus corações, da ânsia de se libertarem da prisão do monte, do desejo cada vez mais forte de se entregarem de cerpo e alma. Instantes, minutos que valiam séculos...

Quási todas as tardes se encontravam, ou por detrás do monte, ou junto da nora da cerca. Porém, o alvoroço com que se encontravam, denunciava-os. Os sentimentos que os agitavam eram demasiado vivos para que pudessem dissimular—se. E, de facto, já um ou outro ganhão fôra achando aquelas trocas de olhares ternas em excesso, os encontros dos dois muito frequentes para serem casuais, os cumprimentos dela para o almocreve bem diferentes dos que dirigia a outra gente. Um ou outro dos ganhões menos simples fora pensando que ali havia coisa...

Eles, porém, teciam a sua teia, iam-se entendendo, faziam já planos de vida em comum, architectavam uma casinha na aldeia, com paredes sempre muito brancas de cal, um quintalzinho a que não faltasse poço com água de nascente, latada de parreiras que espalhasse boa sombra no Verão, e um pombal branco com muitos pombos que enchessem o ar de arrulhos e, à tarde, quando ela lhes fosse atirar mãos-chelas de semente, cortando o ar de voos, dessem a nota da abundância dos montes brancos das herdades...

Certos, porém, da violenta oposição do velho Lavrador ao seu enlace, uma tarde, enquanto ele ia dando de beber aos machos e ela regava os craveiros da nora, esboçaram mesmo um plano de fuga, pela calada da noite, montados ambos num cavalo ligeiro. E lá é que, resoluto, abordou o assunto:

- Tu sabes, morro de desgosto no monte. Entre aquelas paredes velhas, sinto o coração oprimido. Vivo lá como numa prisão. Minha irmã, essa, resignava-se; eu, não. Meu pai quer para nós noivos ricos, que tenham, também, terras de pão e montado. E ou casamos à vontade dele, ou passamos longos anos no monte. Ora, eu quero casar à minha vontade, em pessoa de quem goste, não me importando que seja pobre. E gosto de ti, já te disse. Casar contigo, debaixo dos telhados desta casa não pode ser. Que se há-de fazer, então? Já pensei. Se tu gostas de mim, ajuda-me na fuga. Uma noite, trazes um cavalo, eu estou à espera, e pronto, iremos para a aldeia e lá, já nessa casinha pobre mas alegre, nos casaremos... Queres?...

O moço ouvia-a, surpreso e confuso. As palavras dela, revelando audácia, força de ânimo, causavam-lhe uma estranha sensação, que era de alegria e receio ao mesmo tempo... Houve um silêncio. A tarde morria docemente nos montados. Bandos de pombos bravos abatiam-se sôbre as Azinheiras dos arredores. Um melro assobiou no barranco, pousou na parede, perto da nora, e pôs-se a afiar o bico numa pedra, contente de serlivre.

Ela insistiu:

Queres? Que dizes ao que te proponho? Se estás de acôrdo, prepara as coisas, faz o que te compete fazer, a ti, que és homem...

Êle, por fim, falou. Disse:

- Oh! Menina, mas tudo isso

que me diz me põe em estado que me não deixa pensar bem... Quero pensar e não posso... As ideas fogem—me... Sinto cá dentro uma alegria tamanha que a não sei dizer... Nunca, nunca o meu coração bateu com tanta fôrça...

Claro, a proposta aceito-a já... Mas quando à maneira de se fazerem as

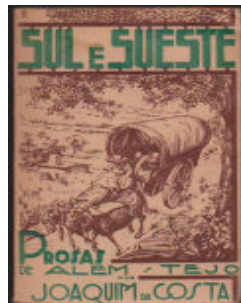
coisas, deixe-me pensar, menina... Tenho um grande receio, receio por si... Tenho medo de alguma desgraça, que lhe aconteça alguma desgraça...

Gente regressava já da lavoura. O lavrador surgiu num ângulo da estrada, a caçadeira em descanso sobre o braço esquerdo, e o seu aparecimento, tão natural como o da carreta com mato verde, puxada por uma junta de bois, que vinha atrás, causou no António Braga, assim se chamava o almocreve, uma estranha e desagradável sensação, um arrepio percorreu-lhe a espinha...

O viúvo existia, e não largava a caçadeira... Aquele tipo seco, de poucas falas, como se toda a gente lhe devesse dinheiro e ninguém lho pagasse, era um hábil atirador. Dele diziam os vizinhos:

- O sr. João Francisco, onde põe o ôlho, põe uma bala, quanto mais uma carga de zagalotes ou de chumbo miúdo...

Os machos tinham bebido. O almocreve e Luiza seguiram para o monte, cada qual por sua vereda. Ele, perturbado, incapaz de coordenar duas ideas. Ela, pensativa, mas disposta a dar realização ao seu esboçado plano de fuga... E pensava que ao almocreve pertencia o encargo de traçar o plano completo, que seria executado em ocasião propícia.



parafarmácia
GARVÃO

Técnicos: Lúcia Miguel de Oliveira Vieira Rato
Rua 25 de Abril n.º 3
7570 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

MONTARAZ
GARVÃO

AGENCIA FUNERARIA ALENTEJANA
Funerária e instalações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Apartado 45
1690-509 Ourém
Tel: Fax: 262 212 561
E-mail: funaralentejana@napo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Via Nova de Mil Fontes
loja 36 Cave
Rua Gago Coutinho 72
1690-509 Ourém
Tel: 262 882 117
Estrada Nacional
4, Lusa
Odemira

Joaquim Gonçalves 938610885
Elo Guerreiro 969163670
932699543
João Gonçalves 932699541



CARNE DE PORCO À ALENTEJANA

A origem da carne de Porco á alentejana, assim como outros pratos típicos, poderá ter diversas interpretações, lendas e histórias, mas convém analisarmos e interpretamos a origem destes cozinhados tipicamente portugueses numa base histórico/cultural, e o que a história e cultura nos diz, (arqueologia e estudo dos alimentos antigos), é que de facto o consumo de carne de porco no Alentejo chegou tardiamente e só se generalizou depois da conversão forçada das populações não-cristãs em 1495 pelo rei D. Manuel, (Judeus e Muçulmanos cuja religião os proibia de consumo de tal alimento).

A carne de Porco á alentejana assim como as alheiras de Mirandela ficaram, devido a certas características, associados a estas duas regiões apesar de terem sido amplamente confeccionadas praticamente de norte a sul do país.

Ambas têm a mesma história e origem, ou seja o consumo e/ou simulação de carne de porco pelas populações Muçulmanas e Judias que resolveram ficar em Portugal, depois do édito de expulsão, e se converteram ou simulavam a sua conversão ao cristianismo.

Assim, no caso das alheiras, (enchidos em que em vez da carne e gordura de porco, proibida pela lei Judaica e muçulmana, eram feitas com as carnes que houvesse à mão, nomeadamente de coelho, perdiz, pato, peru, galinha e vitela, acrescentava-se o miolo de pão e o caldo proveniente das carnes, temperava-se com alho, sal, pimenta ou piri-piri), estas populações não cristãs simulavam fidelidade à religião cristã

com estes enchidos pendurados no chupão, enganavam os fiscais da Inquisição e os vizinhos, que pensavam que eram enchidos de carne de porco, obedecendo assim à proibição Judaica de consumo de carne de porco.

Quanto á carne de porco alentejana tratava-se de facto de um consumo não simulado por estas populações em que para se livrarem da suspeita e da respetiva denúncia á inquisição

passaram a consumir tal carne de forma mais visível, criando o porco no curral á vista da restante população, matando o porco em locais públicos, convidando os vizinhos á matança acompanhados sempre de um bom petisco, distribuindo, inclusivamente, nacos de carne fresca aos vizinhos e a provarem os primeiros enchidos depois de curados.

Assim a tradição alentejana de

criação anual do porco no curral, a matança do porco na rua, a distribuição de carne fresca de porco aos vizinhos, principalmente aqueles que não assistiram á matança teria tido as suas origens na necessidade de visibilidade entre estas comunidades e o consumo de carne de porco.

Quanto ás ameijoas, sendo a alimentação do porco alentejano á base de produtos naturais, (ervas, bolotas, milho, farelos dos moinhos etc.) o que lhe dá, ainda hoje, um gosto especial, permite-lhe uma certa diversificação na confeição dos vários pratos alentejanos, tanto acompanhado á mesa dos menos abastados com pão demolhado, (as famosas migas), como dos mais abastados com ameijoas.



Adília Pereira Coelho
TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA
Tel. 286 555 173 - Resid. 286 555 331
Rua do Alamo, 12 - GARVÃO

"BAR DA ESTAÇÃO"
REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS
de: *Célia Maria Pacheco Silva*
Telem. 917 591 497
7670 - 129 FUNCLEIRA - GARE

AUTO LITORAL
António Adanjo
MANUTENÇÃO E COMERCIO DE AUTOMÓVEIS
Tel. / Fax 283 691 432 - Tlm. 936 852 990
CAMPO REDONDO

Restaurante Martins
Bairro Nova da Sardoa
Lote 38
Rua de Ourique, 22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tels - 936 347 021 e 932 592 913

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telem. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeieiros - Cozinhas por medida
Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO
Telef. 286 555 151 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



Família Oliveira



Esta família teve seu mais antigo membro numa das mais ilustres famílias portuguesas.

É um apelido de família em Portugal, ou sobrenome no Brasil, da onomástica da língua portuguesa. Tem raízes toponímicas no Solar dos Oliveiras,

na freguesia de Santa Maria na região dos Arcos de Valdevez, lugar de onde se ramificou por todo Portugal esta nobre família.

Os Oliveiras tiveram muitos cargos junto da Corte Portuguesa por várias gerações e obtiveram vários títulos nobiliários da nobreza de Portugal.

A primeira família que adotou este nome por apelido é de remotas origens, a ela pertencendo o arcebispo de Braga D. Martinho Pires de Oliveira, que instituiu um rico morgadio em Évora, herdado pela descendência de seu pai, Pedro Oliveira.

As armas antigas dos Oliveiras, são talvez tão antigas que antecedem o nascimento das chamadas regras da armaria ou, pelo menos, da sua aplicação em Portugal.

O primeiro Brasão de Armas foi-lhes concedido em 1350 com honras e méritos devidos. Outros brasões em épocas posteriores vieram a ser concedidos a outros membros dessa enorme família.

Seguiram para o Brasil com a fuga da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, no seguimento das invasões francesas, com Dom João VI.

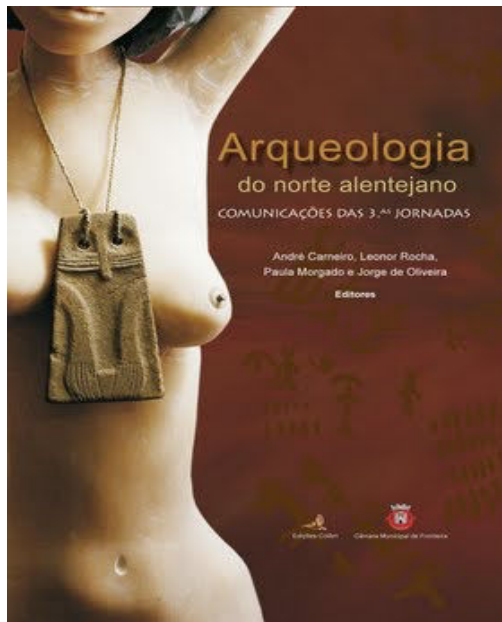
Um dos membros desta família, Flávio Antônio de Oliveira, foi agraciado com enormes propriedades por serviços prestados ao Rei e à Corte no Brasil, formando uma propriedade chamada Fazenda Lagoa, por volta de 1843.

Trazia consigo, quando chegou ao Brasil, uma imagem de Nossa Sra. da Conceição com uma plaqueta de prata datada de 1843, padroeira de Portugal e que ainda hoje é motivo de grande devoção nessas terras.

O Que Dizem Os Outros Jornais...

Jornadas de Arqueologia para “descobrir” Norte Alentejano

Agência LUSA 04 Abr, 2005



As Jornadas de Arqueologia do Norte Alentejano, de 13 e 16 de Abril, pretendem pôr a comunidade científica a trabalhar com os agentes de desenvolvimento, como autarquias e estudantes, foi hoje divulgado.

A terceira edição da iniciativa vai decorrer na vila de Fronteira, distrito de Portalegre, por iniciativa do município local e da Região de Turismo de S. Mamede.

Reunindo a comunidade científica

com projectos arqueológicos no Norte Alentejano, as jornadas pretendem ainda incentivar a realização de projectos nesta área e contribuir para a salvaguarda e promoção do património arqueológico.

Jorge de Oliveira, um dos historiadores responsáveis pela organização da iniciativa, adiantou que as jornadas surgem 140 anos após os primeiros estudos científicos na região.

“Esperamos ter a oportunidade de reunir a comunidade arqueológica, estudantes e autarcas para partilhar experiências e perspectivas e contribuir para que a arqueologia possa assumir o lugar que deve ter, nomeadamente na região do Norte Alentejano”, disse.

As sessões vão decorrer no auditório do Centro Cultural de Fronteira, estando o dia 15 reservado para um itinerário cultural pelo distrito de Portalegre, promovido pela Região de Turismo do Norte Alentejano.

Paralelamente, estará aberta ao público em Fronteira uma exposição de trabalhos de João Cutileiro e Margarida Lagarto.

CARPINTARIA CONVERSA

EXECUTAM-SE TRABALHOS EM ALUMÍNIO

- * Portas
- * Janelas
- * Marquises
- * Estores
- * Portões
- * Corrimões

Jorge Bento
964 173 005

Garvão - Ourique

